



NA SÍRIA

AGATHA CHRISTIE



Índice

Introdução	Página 3
Agatha Christie	Página 4
Na Síria	Página 5
Partant pour la Syrie	Página 5
Uma viagem de pesquisa	Página 5
Aculturação	Página 6
Diferenças culturais – Árabe vs Arménio	Página 7
<i>O habur e o jaghjagha</i>	Página 7
Estereótipo	Página 7
Diferenças culturais	Página 8
“Estruturas de pensamento”	Página 8
Primeira temporada em chagar bazar	Página 8
Trabalho e dinheiro	Página 9
Mulher curda vs Mulher Árabe	Página 9
O valor da vida	Página 10
Fin de Saison	Página 10
Diferenças religiosas	Página 10
Final de viagem	Página 11
A vida em Chagar Bazar	Página 11
Diferenças culturais	Página 11
Chagar e Brak	Página 12
Chegada de Mac	Página 12
O trilho para Raqqa	Página 13
O adeus a Brak	Página 13
‘Ain el ‘arus	Página 14
Um belo negócio	Página 14
Conclusão	Página 15
Glossário	Página 16
Curiosidades	Página 16
Bibliografia	Página 17



Introdução

No âmbito da disciplina de Estudos Interculturais, foi solicitado aos alunos um trabalho, com um tema à sua escolha com os objetivos de aplicar os conhecimentos teóricos lecionados nas aulas e avaliar a interculturalidade, interação entre culturas. Assim sendo, escolhi o livro “Na Síria”, de Agatha Christie, uma vez que a cultura síria sempre me suscitou bastante interesse.

É um livro autobiográfico sobre um período da vida da autora passado na Síria acompanhando o marido, arqueólogo. Não é um livro que fala da história da Síria, não. Fala das pessoas de lá e conta histórias verdadeiramente interessantes sobre o “choque” de culturas entre ocidentais e os locais. O livro é uma resposta da autora às pessoas que perguntavam frequentemente: *“Então, fazes escavações na Síria, não é verdade? Conta-me tudo sobre isso. Como vives? Numa tenda?», etc., etc. A maioria das pessoas, provavelmente, não quer saber. É só para mudar de conversa. Mas, ocasionalmente surgem uma ou duas pessoas realmente interessadas.*

Agatha Christie vai contando as aventuras da sua temporada na Síria. A descrição é, na maior parte dos casos, hilariante. Christie prova com este livro o seu maravilhoso sentido de humor, relatando as mais diversas e caricatas eventualidades ocorridas nessas viagens, tais como: os hotéis miseráveis, casas impróprias para habitar, divertidos equívocos culturais, a relutância em tentar aprender o árabe, a comida e os cozinheiros, as divergências entre as religiões e nacionalidades, etc. Há um motorista, que não sabe conduzir ou um cozinheiro, que nunca vira uma cozinha. Há um empregado que causa verdadeiros desastres com o seu peculiar sentido de economia (não interessava se as laranjas estavam podres, desde que fossem uma pechincha), ou o capataz apaixonado por cavalos e que não mede a capacidade para percorrer longas distâncias montado a cavalo.



Agatha Christie

Nasceu a 15 de Setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra, sendo a mais nova de três irmãos. Aprendeu a ler com apenas cinco anos e somente aos dezasseis começou a frequentar um estabelecimento formal de ensino, em Paris. Em 1914, casou-se com Archie Christie, aviador, com quem teve uma filha, Rosalind. Durante a Primeira Guerra Mundial trabalhou como enfermeira da Cruz Vermelha, experiência que lhe ensinou bastante acerca de doenças, venenos e antídotos. Estas informações viriam a revelar-se muito úteis nos seus romances policiais. Em 1920 escreveu *O Misterioso Caso de Styles*, o seu primeiro romance policial, que rapidamente se transformou num best-seller. A partir daqui, tornou-se uma prolífica autora, tendo escrito ao longo de mais de cinquenta anos. Os seus livros seriam traduzidos em dezenas de línguas, venderiam milhões de exemplares em todo o mundo e seriam adaptados para a rádio, para a televisão e para o cinema. Em 1928, divorciou-se de Archie. Foi nesta altura que fez a primeira viagem ao Médio Oriente, embarcando no Expresso do Oriente em Calais e fazendo todo o percurso até Bagdade, daí até Ur, na Mesopotâmia. Quando aqui se deslocou pela segunda vez, conheceu Sir Max Mallowan, arqueólogo, com quem viria a casar-se em 1930. Agatha Christie acompanhou Max nas suas expedições anuais ao longo de trinta anos, colaborando com a equipa de fotografia e catalogação. *Na Síria*, descreve espirituosamente as escavações levadas a cabo neste país, recuperando episódios autobiográficos que revelam facetas desconhecidas da autora. Após uma carreira literária de enorme sucesso, coroada por diversos prémios e uma vida marcada pelas viagens, Agatha Christie morreu em sua casa, em Oxfordshire, Inglaterra, a 12 de Janeiro de 1976.



Na Síria

PARTANT POUR LA SYRIE (DE PARTIDA PARA A SÍRIA)

Começa logo com os preparativos da viagem: comprar roupa para o deserto, em Inglaterra, no Outono. Só há roupas de Inverno, ela está gorda, nada lhe serve, o marido serve-se do peso dela para fechar as malas a abarrotar de livros...

Uma das suas compras foram quatro relógios de pulso, sim quatro. Porquê? O deserto não é amável com os relógios. Após umas semanas lá, o relógio deixa de funcionar.

Agatha Christie ao longo do livro faz várias comparações entre os povos ocidentais e os árabes, uma delas, bastante caricata, refere que os árabes são desajeitados com qualquer tipo de relógio. “Para eles, seja de que modo for, dizer que horas são é tarefa que exige uma boa dose de esforço mental. Por vezes vemo-los, muito compenetrados, pegar num grande relógio redondo de pernas para o ar e olhar para ele com uma concentração realmente dolorosa, acabando por obter uma resposta errada.”

Christie também aborda “estruturas de pensamento”, refere que há “várias escolas de pensamento” a respeito de fazer as malas. “ Há os que começam a fazê-las com uma semana ou duas de antecedência, há os que atiram umas coisas lá para dentro meia hora antes da partida. (...) Há os que deixam ficar em casa praticamente tudo aquilo de que precisam! E há os que levam enormes quantidades de coisas que nunca lhes farão falta!”

Christie e Max dirigem-se para Victoria onde se despedem da família e iniciam a viagem para a Síria. Vão numa carruagem pullman, não vão numa carruagem normal devido à grande quantidade das malas de Max.

UMA VIAGEM DE PESQUISA

Chegam a Beirute e Christie começa por descrever o hotel e a paisagem, observadora como é, começa logo por comparar as canalizações do Oriente e do Ocidente.

Dentro de poucos dias partirão numa expedição de 3 meses de campismo, com o objetivo de examinarem a região em busca de sítios



apropriados (Christie, Max, o novo arquiteto Mac e o filósofo e velho amigo de Max, Hamoudi).

Mais uma comparação inevitável quando se está em contacto com uma cultura tão diferente, Christie revela a importância do pão para um francês: “Qualquer pessoa que tenha sangue francês aprecia bom pão. Para um francês, o pão tem mais valor do que qualquer outro tipo de alimento”.

Procuram um cozinheiro e um *chauffeur*. O problema do *chauffeur* é o primeiro a ser resolvido. Hamoudi arranhou-lhes um *chauffeur* chamado Abdullah (e diz ter “notáveis semelhanças com um camelo”). Vão na sua camioneta a que deram o nome de *Queen Mary* e alugam um táxi, guiado por um arménio chamado Aristide. Contratam um cozinheiro “com um ar um tanto melancólico (‘Isa), cujas referências são tão boas que se tornam altamente suspeitas”. E, finalmente chega o grande dia, Christie, Max, Hamoudi, Mac, Abdullah, Aristide e ‘Isa iniciam a viagem. Descubrem que os seus empregados afinal...” A primeira descoberta que fazemos é que Abdullah é sem sombra de dúvidas o pior condutor que se possa imaginar, a segunda é que o cozinheiro é muito mau cozinheiro, a terceira é que Aristide é bom condutor mas tem um táxi incrivelmente bera!”

Chegaram a Busaira. Porém, Busaira revela-se uma decepção e então, prosseguiram para Meyadin. E é em Meyadian que vão acampar, Christie senta-se majestosamente no meio de um grande pátio a observar enquanto Max, Mac, Aristide, Hamoudi e Abdullah montam as tendas.

ACULTURAÇÃO

Ao longo do livro está presente o fenómeno da aculturação, sendo esta um processo de integração dos indivíduos numa sociedade diferente daquela de que são originários, em que há assimilação de hábitos e valores culturais.

Os empregados não iam trabalhar todos os dias e Christie perguntou lhes a razão, dizendo eles muito chateados que os soldados não os foram buscar e que era a obrigação deles. “- Mas nós queremos que vocês trabalhem para nós sem os ‘asker (soldados) vos irem buscar! ; - Essa é uma ideia muito curiosa!”

Ao fim de uma semana receberam o pagamento, e aí foi a gota de água que fez transbordar a confusão deles. Eles que não conseguiam entender os usos dos estrangeiros. “Mas por que razão nos dão vocês dinheiro? Para que é o dinheiro? Não faz sentido!”

No entanto, os estranhos usos do Ocidente acabaram por ser aceites, embora com bastantes reclamações.



DIFERENÇAS CULTURAIS – ÁRABE vs. ARMÊNIO

A atitude dos dois *chauffeurs* em relação ao dinheiro é bastante diferente, o que não passa um dia sem pedir adiantamento do salário (Abdullah - árabe) “Se as coisas fossem como ele queria, teria recebido a quantia total antecipadamente, e calculo que a dissiparia em menos de uma semana” e o que mostra relutância em receber dinheiro (Aristide – armênio) “Guarde-mo, khwaja¹(...) Se eu precisar de dinheiro para qualquer pequena despesa, peça-lhe. Até agora só pediu quatro pence do seu salário – para comprar um par de meias!”

O HABUR E O JAGHJAGHA

ESTEREÓTIPO

Em alguns episódios do livro está presente o estereótipo, generalizações que as pessoas fazem dos outros através da sua aparência, comportamento, roupa, cultura.

Vão para um hotel de primeira classe e o proprietário fica duvidoso se eles são capazes de pagar tal quantia quando olha para o aspeto deles. “O proprietário hesita, coça a orelha, tira as medidas ao nosso aspeto (que, devido à lama, não é muito plutocrático) e por fim arrisca a sugestão de que custará pelo menos uma libra para nós os quatro. Para seu espanto, Max concorda sem discutir.”



DIFERENÇAS CULTURAIS

IMPORTÂNCIA DO DINHEIRO EM DIFERENTES CULTURAS

A importância dada ao dinheiro difere de cultura para cultura. Era impensável na cultura portuguesa não receber salário, porém noutras culturas não querem receber salário.

Estão no Tell² Mozan à procura de mão-de-obra e encontram vários homens que aceitam trabalhar, mas quando falam do salário, os homens dizem: “Nós não precisamos de dinheiro, tivemos uma boa colheita.” “Mas o que podemos comprar com ele? Temos comida suficiente até chegar a outra colheita.” A Síria é uma região do mundo onde a comida é a única remuneração. “Se a colheita foi boa, estás rico.”

ESTRUTURAS DE PENSAMENTO

E fazem tudo para agradar o Governo, mesmo que fiquem muito prejudicados. O Sheikh, um homem que esteve em Meca e que todos veneram diz: “As colheitas que vou perder representam um grande prejuízo. Mas que interessa isso? É um sacrifício que farei com gosto para agradar ao Governo. Se eu for à ruína, que importância tem isso? E, com um ar nitidamente satisfeito, volta para casa.” Mais uma vez, impensável este pensamento na nossa cultura.

Le camping acabou e regressam à civilização. “Alepo! Lojas! Um banho! O cabelo lavado com champô!”

PRIMEIRA TEMPORADA EM CHAGAR BAZAR

Regressam a Beirute, reencontram-se com Mac e seguem para Alepo. Contratam um *chauffeur* para a *Mary* (camioneta em que costumam viajar), mas desta vez não foi um “baratucho”. Aristide está agora ao serviço do Governo, conduz um carro-tanque que rega as ruas em Dayr-az-Zawr. Contratam também um novo cozinheiro, Dimitri. Seguem para Amuda, onde alugam uma casa e com a ajuda de um carpinteiro e do arquitecto Mac organizam a casa ao gosto deles, fazem uma sala de antiguidades, um gabinete



de desenho, um escritório, etc. A primeira noite em Amuda foi uma experiência que Christie diz que nunca se esquecerá. Porquê? RATOS é a resposta. “Assim que apagámos os candeeiros, dezenas de ratos – na verdade creio que seriam às centenas – saem dos buracos das paredes e do chão. Ratos por cima da cara, ratos a puxarem-nos os cabelos – ratos! Ratos! RATOS!...” “Está um rato sentado aos pés da minha cama a cuidar dos bigodes! (...) uma pessoa tem de adormecer e, com os ratos a fazerem exercício físico e desportos ao ar livre em cima de nós, isso é pouco possível.” O maravilhoso sentido de humor de Christie sempre presente! Hamoudi trata da situação, cinco minutos depois, as camas foram arrastadas para o pátio. “Fico algum tempo deitada a olhar para o céu estrelado e tranquilo por cima de nós.”

TRABALHO E DINHEIRO

Os trabalhadores arménios têm um modo de trabalhar muito pouco conveniente. Então, porquê? O pagamento é feito de dez em dez dias. Alguns trabalhadores vêm de aldeias bastante afastadas e trazem consigo a própria comida: um saco de farinha e algumas cebolas que se esgota normalmente em dez dias, altura em que o homem pede para ir a casa porque a comida acabou. Isto não é nada conveniente para Christie e Max, uma vez que eles não trabalham com regularidade. Assim que recebem abandonam o trabalho. “Agora já tenho dinheiro. Para que havia de continuar a trabalhar? Vou para casa.” Passados quinze dias os homens voltam e pedem para ser admitidos outra vez.

MULHER CURDA vs MULHER ÁRABE

É impossível confundir uma mulher curda com uma mulher árabe. Mulheres árabes são recatadas, retraídas, tímidas. Quando se fala para elas, viram a cara para o lado e quando sorriem, fazem-no timidamente. Vestem-se sobretudo de preto ou de cores escuras. “Nenhuma mulher árabe se aproximaria de um homem para falar com ele! Uma mulher curda não tem qualquer dúvida de que é tão boa como um homem, ou melhor!” Estas dizem piadas a qualquer homem, cumprimentam e falam com eles com a maior amabilidade. “ Não hesitam em ameaçar os maridos.”



Depois do trabalho, apresentam os achados que encontraram durante o dia e Max atribui as gorjetas aos homens.

O VALOR DA VIDA

Vários homens de Jerablus adoecem e estão em tendas, em Chagar Bazar. Contudo, ninguém se aproxima dos doentes. “Isto de evitarem os doentes é muito estranho.” Assim, os doentes não receberão comida nem água. O valor da vida humana não é considerado importante. “ - Se ninguém lhes levar comida, morrem à fome, diz Max. – Os companheiros de trabalho encolhem os ombros. – Inshallah, se é essa a vontade de Deus.” Max refere que o melhor será ir para o hospital, mas Yahya e Alawi dizem que ir para o hospital será uma desgraça. “A morte sempre é preferível à desgraça.”

FIN DE SAISON (Fim de época)

Michel quase matava um grupo de maometanos. Max muito assustado pergunta o que pensa que ele está a fazer. “ - Podia tê-los matado! – Que importância é que isso tinha? São maometanos não são? Melhor seria que todos os maometanos estivessem mortos!” Michel depois de manifestar este sentimento, fica em silêncio sentindo-se incompreendido. “Que espécie de cristãos são estes, parece dizer para si mesmo, fracos e vacilantes na sua fé!”.

DIFERENÇAS RELIGIOSAS

Os *yezidis* são um povo curioso... “O seu culto de *Shaitan* (Satanás) tem mais a natureza de uma expiação.” Acreditam que o mundo foi entregue à guarda de *Shaitan* por Deus e que à era de *Shaitan* sucederá a era de Jesus. Nunca deve ser mencionado o nome de *Shaitan*, nem nenhuma palavra que tenha um som idêntico. É proibido pisar uma soleira e também é proibido mostrar as solas dos pés. “Uma proeza ligeiramente difícil quando se está sentado no chão de pernas cruzadas.”, Refere Christie.



Outra curiosidade é que os *yezidis*, por uma questão religiosa, nunca devem mencionar a alface nem tocar em nada contaminado por ela, pois eles acreditam que *Shaitan* residiu nela.

Acaba a viagem, voltam para Inglaterra, mas voltarão no próximo ano à Síria. “Será bom voltar a ver a Inglaterra. Bom ver os amigos e relva verde e árvores altas. Mas também será bom regressar no próximo ano.”

FINAL DE VIAGEM

Os achados que eles encontraram nas escavações foram estimulantes e por isso, continuam as escavações por mais uma temporada. Seguem viagem até Istambul, interrompem a viagem em Aleppo para comprar umas coisas para Max e como têm um dia livre antes do próximo comboio para *Nisibin*, aceitam fazer parte de um grupo de carro a *Kalat Siman*. Um dos problemas é a língua em comum, mas mesmo assim conseguem comunicar e a conversa torna-se engraçada.

Iniciam a viagem em *Chagar Bazar*.

A VIDA EM CHAGAR BAZAR

Chegam a casa e Christie refere as coisas que continuam iguais e as que mudaram. Em seguida, começam as escavações em *Tell Brak*, em simultâneo com as de *Chagar*.

DIFERENÇAS CULTURAIS

Max pergunta a alguns homens quanto lhes custa exatamente a vida. A maior parte deles são de uma aldeia distante e traz um saco de farinha, que rende cerca de dez dias. Alguém na aldeia faz o pão para eles, pois segundo parece está abaixo da dignidade deles cozerem o próprio pão. Ocasionalmente comem cebolas, arroz e arranjam leite azedo. “Depois de calcularmos os preços, concluímos que custa cerca de dois pence por semana a cada homem!”



As cinco esposas de *Sheikh* vão para uma arrecadação onde *Christie* vai observá-las e ver se precisam de cuidados médicos. Uma delas padece de “uma forma maligna de envenenamento de sangue.” *Christie* diz a *Sheikh* que seria bom que a levasse depressa ao hospital, onde lhe dariam as injeções indicadas. Contudo, *Sheikh* muito calmo responde: “Neste verão, diz o *Sheikh*, ou o mais tardar no Outono. Não há pressa. Tudo será como Alá decidir.”

CHAGAR E BRAK

Começa por falar dos empregados, do feitio de cada um e como têm costumes tão diferentes dos dela, conta situações engraçadas que viveu com cada um.

Chegam a *Tell Brak*. *Christie* aborda um pouco a forma de trabalhar dos seus empregados árabes. Para eles, ter a cabeça aberta não é razão para deixar de trabalhar. Fala também dos seus pequenos-almoços, de como é viver em *Brak*, em seguida, regressam a *Chagar*.

Dois empregados de *Max* fumavam tabaco iraquiano de contrabando, os funcionários da Alfândega perceberam e só não os prenderam por consideração a *Max*. Tiveram de pagar uma multa que foi retirada dos seus salários. Com pena, *Max* é generoso a mais com as gorjetas dos dois culpados e estes ficam satisfeitos. Contudo, atribuem a sua boa sorte à compaixão infinita de Alá e não à caridade de *Max*.

CHEGADA DE MAC

Chega o dia em que *Mac* vem para junto deles outra vez.

No final da temporada, o diretor dos serviços de antiguidades manda um representante para dividir todos os achados dessa temporada. *Christie* faz uma distinção dos sistemas adotados no Iraque e na Síria. No Iraque costumava ser feito objeto a objeto, ou seja, era um processo mais lento que levava vários dias. Na Síria, porém, o sistema é muito mais simples. *Max* divide em duas partes tudo aquilo que foi encontrado da maneira que lhe apetecer. Depois o representante sírio examina as duas séries de objetos e escolhe aquela que quiser que fique para a Síria. A outra é embalada e despachada para o Museu Britânico. Por fim, os objetos são classificados e rotulados.



Dunand e a sua mulher, velhos amigos de Christie e Max, fazem-lhes uma visita e ficam em casa deles uns dias. Os Dunand nunca queriam comer muito, uma bolacha e um copo de vinho diziam eles que era suficiente.

Começam os preparativos para a partida de Christie e Max.

As escavações na Síria estão prestes a terminar.

O TRILHO PARA RAQQA

Estão de partida e Max diz a Sheikh que lhe trará um presente de Londres, contudo Sheikh responde “Que não haja conversas sobre presentes entre irmãos! O meu único desejo é servir-te a ti e ao Governo. Se ficar sem dinheiro por causa disso – bem, perder dinheiro dessa maneira é uma honra.”

Durante a viagem, ficam perdidos. Perdidos no meio do nada, literalmente. “Perdidos numa parte do mundo onde não há aldeia, nem cultivo, nem pastoreio de beduínos - nada.” E Mary tem um furo.

Finalmente chegam a Raqqa onde não há alojamento para viajantes, contudo um oficial arranja dois quartos. Uma casa “numa escuridão de breu.” Depois dessa noite, enquanto estão à espera do *ferry* para atravessar o Eufrates em Raqqa, aproximam-se algumas mulheres com o rosto tapado e Christie mostra interesse. “Penso com inveja que deve ser bom ter o rosto velado.”

Christie mostra saudade da vida na civilização. Ela adorava estar ali, mas... “lavar o cabelo com champô, o luxo de um secador, uma banheira de porcelana com torneiras, luz elétrica...Mais sapatos!”

Raqqa fica para trás...

O ADEUS A BRAK

Estão na última temporada na Síria, a escavar em Tell Brak e encerram definitivamente os trabalhos em Chagar.

Na Primavera, terminaram Chagar e concentram-se em Brak, onde encontraram coisas interessantes. Depois terminaram Brak e vão acabar a temporada com uma escavação em Tell Jidle.

Christie só sabe algumas frases em Árabe para dar ordens domésticas, ou seja, comunica com ele através de gestos.

Por fim, abordam o valor da morte lá. A morte lá não é importante.



'AIN EL 'ARUS

Mudam de casa de Brak para o Balikh.

Christie revela que ganhou uma grande afeição ao Jaghjagha. Contudo, Brak nunca conquistou os seus afetos como Chagar, dizendo que “A aldeia de Brak é triste, meio abandonada e a desmoronar-se.” Chegam a casa e, sendo Outono, descreve a paisagem.

UM BELO NEGÓCIO

Subri, empregado de Max, passa noites acordado com dor de dentes e pede autorização para se ausentar para ir ao dentista, em Alepo. Regressa dois dias depois, a sorrir. O dentista diz-lhe que o dente que lhe dói tem de ser arrancado e Subri pergunta quanto fica por tirar o dente, o dentista diz que são dezoito francos e ele acha absurdo. Volta ao dentista mais duas ou três vezes para ver se o dentista baixava o preço, mas como o dentista não baixou o preço, Subri pensa num belo negócio. “Muito bem, digo eu. Dezoito francos. Mas por esse preço tem de me tirar não um dente, mas quatro!” Subri ri-se com enorme satisfação, mostrando vários espaços sem dentes. O dentista acha estranho o seu comportamento e pergunta se os outros dentes lhe doíam, Subri responde: “Não, claro que não. Mas um dia iam começar a doer. Agora já não podem. Foram arrancados, e pelo preço de um.”

Com o mês de Dezembro, chega o fim da temporada. Passam o Natal em Ras Shamra com os seus amigos, Professor e Madame Schaeffer, e os seus filhos. Descreve o lugar e Christie refere que “Não há no mundo lugar mais fascinante do que Ras Shamra.”

Partem de Beirute de Barco. Christie está em silêncio e Max pergunta-lhe em que está a pensar. Relembra alguns momentos passados durante a sua estadia na Síria. “Estou a pensar, digo eu a Max, que foi um modo de viver muito feliz...”



CONCLUSÃO

Devo confessar que este trabalho foi muito enriquecedor, sempre tive bastante interesse pelas culturas orientais e conhecer a cultura síria desta forma foi, sem dúvida, muito bom. Além disso, fiquei fã de livros deste género, um “diário” com humor e que enriquece o nosso conhecimento. É um livro muito leve e envolvente.

Este livro deve ser lido num local onde se possa rir (não aconselhável em meios de transporte), Christie tinha um humor irresistível! Ler este livro ao pé de alguém até se torna engraçado, porque vai acontecer várias vezes sentir vontade de ler episódios do livro a essa pessoa, e acredito que essa mesma pessoa ficará com vontade de ler o livro.

Resolvi colocar, ao longo do trabalho, vários excertos de episódios do livro porque para além de reforçar a minha explicação, alguns episódios são tão caricatos que era impossível não partilhar.

Abordei também a história do livro relacionando sempre com a matéria lecionada nas aulas. Este livro é um exemplo de interculturalidade, na medida em que as culturas que coexistiam estavam sempre em constante interação, sempre em comunicação. Não houve multiculturalidade, uma vez que tanto Christie como os árabes, arménios, etc. mostravam sempre vontade de interagir.

Tendo muita curiosidade sobre as culturas orientais, fui pesquisar algumas coisas (expressões, palavras, etc.) de que falava no livro e não entendi o que significavam e também outras coisas para além do trabalho. Então, encontrei algumas curiosidades que decidi partilhar.

Aprender sobre outros povos é importante e o respeito para com eles é essencial para o entendimento das diferenças. Deixar de lado os preconceitos e os julgamentos é um passo para se conseguir uma compreensão sobre as diferentes culturais que existem no mundo.

Para Christie: “Escrever este simples registo não foi uma tarefa, mas sim um exercício de amor.”



GLOSSÁRIO

Tell – significa “monte”, é um tipo de sítio arqueológico na forma de um montículo de terra que resulta da acumulação provinda da erosão dos materiais depositados pela ocupação humana durante muito tempo.

Inshallah – “Se Deus quiser”

Khwaja – expressão utilizada pelos árabes para se dirigirem a um homem.

Khatún – expressão utilizada pelos árabes para se dirigirem a uma mulher.

CURIOSIDADES

O nome próprio árabe Abdullah significa servo de Deus.

Ahlan ua sahlan - Seja bem-vindo.

No livro falava de *beduínos* (mencionei uma vez no trabalho) e decidi pesquisar sobre isso e como achei interessante o que descobri, decidi partilhar também.

- São aproximadamente nove milhões em todo o Médio Oriente;
- A sua hospitalidade é mundialmente célebre;
- Prefere morrer a trair o seu amigo;
- Muitas vezes gasta numa receção o dobro dos seus bens e passa anos a pagar as suas dívidas;
- Anda de pés nus, mas não descobre a cabeça (acha que é decair);
- Adora a liberdade, não tem pátria fixa, não tem raízes e vive sempre em movimento;
- Quando a erva murcha, ele coloca os seus utensílios sobre um camelo, monta outro camelo e vai com o seu rebanho, procurar novos pastos;
- Talvez seja essa vida que lhe dê a juventude eterna e a vitalidade inesgotável.



BIBLIOGRAFIA

- <http://oque.dictionarist.com/inshallah>
- <http://www.cin.ufpe.br/~pmgj/agatha/biografia.html>
- http://www.significado.origem.nom.br/nomes_arabes/
- <http://www.khanelkhalili.com.br/pesquisas.htm>